

# O Património como vetor de desenvolvimento

Entrevista a Juan Carlos Prieto

Entrevista | Inês Costa, Spira – revitalização patrimonial, Lda.

Textos e tradução | Regis Barbosa, Canto Redondo

*Constituída em 1994 como fundação privada sem fins lucrativos, a Fundação Santa María la Real del Património Histórico desenvolve um trabalho pioneiro de salvaguarda e valorização do Património em todo o território espanhol. Atua em diversos campos, como a reabilitação e a conservação, sem descuidar a comunicação e a educação patrimonial. O seu foco é a criação de estratégias de desenvolvimento do território através do Património Cultural, com destaque para os diferentes projetos que foram desenvolvidos em torno do Património Românico. Atualmente, a fundação é responsável pela direção técnica do Plano de Intervenção do Românico Atlântico, patrocinado pelo Estado português, pela Junta de Castela e Leão, e pela Fundação Iberdrola. Neste número da Pedra & Cal, entrevistámos o arquiteto e diretor geral da fundação, Juan Carlos Prieto.*

**P&C – Qual é, para si, o valor da dimensão humana do património cultural?**

**Juan Carlos Prieto** – Total. Não se entende o património sem as pessoas, ao menos é o que acreditamos na Fundação Santa María la Real. O património, a paisagem e as pessoas são os três pilares em que se assentam todos e cada um dos nossos projetos. É impossível investigar, restaurar ou conservar um edifício ou bem histórico sem ter em conta o fator humano. Foram os nossos antepassados que construíram e deram forma ao património que chegou aos nossos dias, nós devemos

“

**Estamos convencidos de que o património pode ser um recurso gerador de desenvolvimento para o território.**

”

preservá-lo para as gerações futuras, e isso só se consegue com o entendimento, a compreensão e a ação da sociedade.

**P&C – Em que princípios se baseia o modelo de gestão da FSMLRPH?**

**Juan Carlos Prieto** – Como comentava anteriormente, os três pilares básicos de nosso trabalho são o património, a paisagem e as pessoas. O que isto supõe? Que estamos convencidos de que o património pode ser um recurso gerador de desenvolvimento para o



“

Os três pilares básicos do nosso trabalho são o património, a paisagem e as pessoas.

”

território, e nós somos, possivelmente, o melhor exemplo disso. Temos mais de 140 pessoas a trabalhar em projetos vinculados ao património por todo o território nacional. Como conseguimos? Através do compromisso com o território, com o património, com a inovação, com o talento, com as pessoas, com a qualidade, e sobretudo sendo conscientes de que nosso trabalho tem que ser rentável social e economicamente. Ser uma instituição sem fins lucrativos não está em desacordo com a rentabilidade e a sustentabilidade económica.

### ***P&C – Em que consiste o projeto MHS?***

**Juan Carlos Prieto** – É o futuro, ou melhor, o presente do património. Edifícios históricos inteligentes e eficientes. Vivemos na era das cidades, dos edifícios “smart” e o património não pode, nem deve ficar atrás. Por isto, desde há dez anos, temos trabalhado na fundação com o desenvolvimento de um sistema que

permita garantir a conservação preventiva e a gestão inteligente do nosso património. O funcionamento é aparentemente simples, colocamos uma série de pequenos sensores sem fio em pontos concretos dos edifícios ou bens patrimoniais. A função destes dispositivos é controlar o pulso, a pulsação do espaço e informarmos imediatamente se há qualquer anomalia, para que possamos corrigi-la no momento. Não só conseguimos que o sistema funcione com êxito em meia centena de edifícios históricos, como conseguimos somar no nosso projeto uma empresa líder no setor das comunicações, a Telefónica.

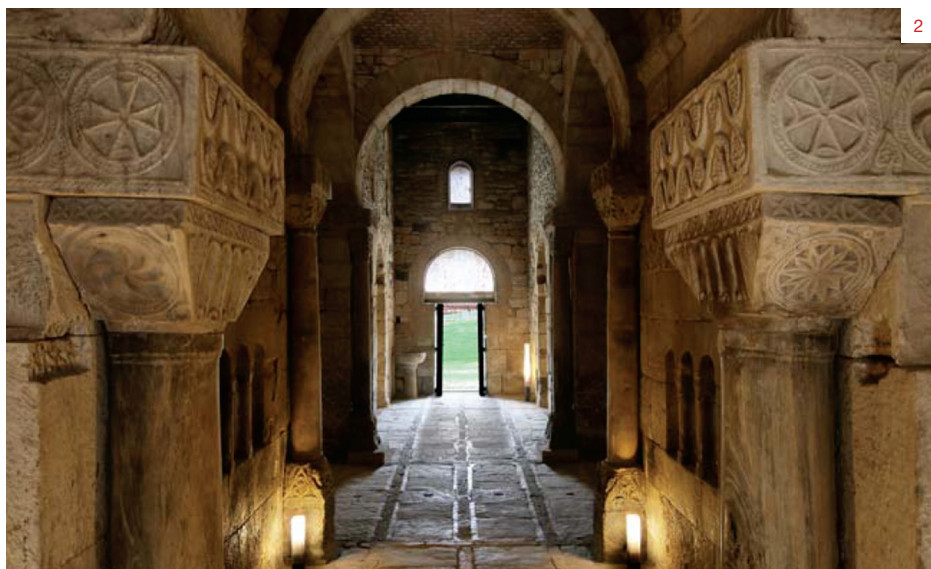
### ***P&C – Qual é para a Fundação o papel da educação patrimonial?***

**Juan Carlos Prieto** – O papel da educação, da sensibilização social é fundamental, já dizíamos ao início que não podemos entender o património sem as pessoas e que depende delas a sua conservação e salvaguarda. Por isso, na

Fundação apostamos desde o início na socialização em diferentes níveis, através de cursos, jornadas e oficinas; mediante a comunicação em canais especializados, com iniciativas pontuais em escolas ou centros educativos, mediante a edição de livros ou a filmagem de séries de televisão... As formas para chegar à sociedade são múltiplas e é necessário explorá-las todas ou, ao menos, tentar.

### ***P&C – Qual a ligação da FSMLRPH com o domínio das políticas públicas para o setor do património cultural em Espanha?***

**Juan Carlos Prieto** – Em muitas ocasiões, promovemos a intermediação, isto é, tratamos de favorecer o contacto entre a administração pública e o setor privado para que todos trabalhem unidos em prol da valorização do património. Cada vez é mais evidente que os recursos públicos não são suficientes para garantir a manutenção e a sustentabilidade do nosso património cultural.



1 | Igreja de San Pedro de la Nave, Zamora.

2 | Sistema de Monitorização do Património (MHS).

“  
**Vivemos na era das cidades, dos edifícios “smart” e o património não pode, nem deve ficar atrás.**

”

Daí a necessidade de envolver a sociedade e o setor privado. O património é um assunto de todos e nosso trabalho é proporcionar que a mensagem chegue a todos os âmbitos, sejam públicos ou privados.

### ***P&C – Que projetos com Portugal desenvolve a FSMLRPH?***

**Juan Carlos Prieto** — É certo que, nos últimos anos, nossa vinculação com Portugal foi aumentando, pouco a pouco. Começamos com a extensão da Enciclopédia do Românico em Espanha a toda a Península Ibérica, incluindo Portugal nas nossas investigações e estudos. Pouco depois, surgiu o Plano Românico Atlântico, um projeto de colaboração transfronteiriça,

no qual estão envolvidas a Secretaria de Estado da Cultura de Portugal, a Junta de Castela e Leão, e a Fundação Iberdola, que proporcionam a atuação em cerca de vinte templos românicos de Zamora, Salamanca e áreas fronteiriças portuguesas. O nosso primeiro itinerário cultural percorreu terras lusas, e com o projeto europeu SHbuildings monitorizámos a igreja de São Pedro em Roriz... Nos últimos anos, temos participado no arranque do projeto Duero-Douro, que procura tecer uma rede colaborativa em torno do rio, promovida pelo *Cluster* de Empresas de Eficiência Energética, Construção Sustentável e Habitat (AEICE), e pela Associação de Entidades do Património Cultural (AEPC). Enfim, estas são apenas algumas das muitas iniciativas que estamos a desenvolver em Portugal, onde a cada dia temos mais contactos e onde queremos fazer chegar também um dos nossos programas sociais mais inovadores, as Lançadoras de Emprego e Empreendimento Solidário.

### ***P&C – Como vê o estado do setor do património cultural em Portugal?***

**Juan Carlos Prieto** — A situação do património cultural em Portugal não difere muito da situação em Espanha e em outros países europeus. É evidente que houve um corte nas ajudas públicas, que os Estados não podem por si só manter o património. O desafio tanto em Portugal quanto em Espanha, e em muitos outros países europeus, é conseguir uma maior

“  
**O desafio, tanto em Portugal quanto em Espanha, é conseguir uma maior participação social.**

”

participação social. É certo que países como Itália, Reino Unido e França levam uma clara vantagem na promoção da iniciativa privada e no fomento do mecenato. Legalmente, aprovaram uma série de vantagens fiscais, tanto para particulares como para empresas, que investem em património, estas leis estão a anos-luz das nossas. Mas, estamos no caminho e devemos estar conscientes de que não podemos encher balões fora, o caminho virá de dentro do próprio setor, devemos ser nós a lutar, porque ao fim e ao cabo, somos líderes e donos do nosso futuro. A pedra está no nosso telhado. ■

**Leia a versão espanhola deste artigo em [www.gecorpa.pt](http://www.gecorpa.pt).**